

ECOLINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIA DO IMAGINÁRIO

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM)

Resumo: Diálogo entre Ecolinguística e imaginário é possível e desejável. A primeira é o estudo das relações entre língua e meio ambiente (natural, mental, social). O natural tem a ver com o lado biológico da linguagem e por ela existir para os humanos comunicarem entre si sobre o mundo. O mental se deve ao fato de a língua nascer, estar armazenada e processada no cérebro. O social é onde tudo é sancionado. Na Antropologia do Imaginário, vê-se que a imaginação é uma faculdade que se realiza inicialmente pela observação, percepção, memorização e reprodução das coisas do mundo natural. O imaginário é a modalidade pela qual cada indivíduo e cada cultura manifestam essa faculdade. A Antropologia do Imaginário de Durand se concentra no estudo das imagens mentais cristalizadas em signos, ícones ou símbolos. Essas afinidades entre as duas áreas vêm sendo estudadas na UFG, complementando o que se faz em Ecolinguística na UnB.

Palavras-chave: Ecolinguística; Aquisição de língua e imagem; Imaginário; Transdisciplinaridade.

Abstract: A dialogue between ecolinguistics and imaginary is possible and desirable. The former is defined as the study of the relationships between language and environment (natural, mental, social). The natural environment has to do with the biological side of language and for the relationships between humans (communication) as well as between them and between and the world (reference). language is born, stored and processed in the mental ecosystem. The social ecosystem sanctions all that with the help of the mental ecosystem. In anthropology of imaginary, imagination is a faculty that begins by the observation, perception, memorization and reproduction of aspects of the real world. The imaginary is the modality by which each individual and culture manifest themselves. It emphasizes mental images represented in signs, icons and symbols. These affinities between the two areas are being studied in UFG, complementing what is done in UnB in terms of ecolinguistics.

Key words: Ecolinguistics; Language and image acquisition; Imaginary; Transdisciplinarity.

1. Introdução

Este artigo representa uma tentativa de mostrar que é possível estabelecer um produtivo diálogo entre ecolinguística e antropologia do imaginário, na linha do que já havia sido feito em COUTO (2012). Apesar de serem ainda relativamente jovens, essas duas disciplinas representam modos de se abordarem fenômenos que têm a ver com nossa mente e cultura de maneira muito diferente da usual no *status quo* acadêmico. A primeira o faz no âmbito do estudo dos fenômenos da linguagem, encarando-os de maneira abrangente, holística e multidisciplinar, como algo dinâmico, que é o caso de toda e qualquer disciplina de base epistemológica na ecologia. A segunda, no contexto da antropologia, filosofia e da psicologia, mais especificamente da psicologia analítica de Jung.

A Ecolinguística surgiu no início da década de setenta do século passado e deslanchou para valer no início da de noventa. A antropologia do imaginário surgiu no início da década de sessenta do mesmo século, sobretudo com a publicação de *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire* (Paris: P.U.F, 1960). No que segue, apresento primeiramente a ecolinguística. Em seguida, falo da antropologia do imaginário. Por fim, farei uma comparação entre ambas, salientando o que as une, não o que as diferencia.

2. Ecolinguística

Desde a primeira proposta que lhe deu lugar (HAUGEN, 1972), a Ecolinguística vem sendo definida como sendo a disciplina que estuda as relações entre língua e meio ambiente (MA), embora o autor tenha usado apenas as expressões *language environment* e *environment of language*, não o termo 'ecolinguística' propriamente dito, de modo que ele a definiu antes de ela ter um nome. Como acontece com qualquer proposta inovadora, a conceituação de Haugen tem sido alvo de algumas críticas, apesar de ele ser considerado o pai da Ecolinguística.

A primeira crítica se dirige à restrição que ele apresenta logo após a definição, ou seja, de que o verdadeiro meio ambiente da língua é a sociedade que a fala. Ora, a língua se relaciona a pelo menos três meios ambientes, como se vê na Escola Ecolinguística de Odense, da Dinamarca (BANG; DØØR, 2015) – que reconhece as “dimensões” bio-lógica (natural), ideo-lógica (mental) e sócio-lógica (social) – e na linguística ecossistêmica, que reconhece os ecossistemas linguísticos natural, mental e social (COUTO, 2007; COUTO, 2013; COUTO, COUTO; BORGES, 2015).

ECO-REBEL

A segunda crítica tem a ver com o fato de a definição dar a entender que o objeto da ecolinguística seria o ambientalismo, o que está bem longe da verdade. Aliás, essa não era a intenção de Haugen, que estava preocupado principalmente com a ecologia das línguas, como o contato de línguas, o bi-/multilinguismo, a política e o planejamento linguísticos etc. Pelo menos a versão da ecolinguística chamada linguística ecossistêmica encara os fenômenos da linguagem holisticamente, quer dizer, ela se interessa por todo e qualquer aspecto deles (natural, mental, social), embora na prática tenha que fazer recortes a fim de estudar determinados fenômenos microscopicamente. Enfim, essa vertente da ecolinguística reconhece que é necessário olhar para a língua em seu ecossistema natural (que abrange tudo que tenha a ver com o aspecto natural, biológico da língua), o mental (é no cérebro que a língua é formada, armazenada e processada) e o social (a esmagadora maioria das teorias linguísticas vêem a língua como um fenômeno social. Para essa versão da ecolinguística, a língua é um fenômeno biopsicossocial. Sabemos pela ecologia biológica, que 'meio ambiente' (MA) é parte de um ecossistema. O MA de determinada população de organismos que nele convivem é chamado de *habitat*, meio ambiente, biótopo ou território. Daí a existência do ecossistema natural, do mental e do social da língua, cada um contendo um MA da língua.

Se o conceito central da ecologia é o de ecossistema, o conceito central do ecossistema é o de interação. Se na ecologia biológica o que interessa não são os organismos em si nem seu território em si, mas as interações que se dão entre eles, na ecologia linguística (outro nome da ecolinguística) a língua é vista do mesmo modo. Ela não é um instrumento (coisa) para a comunicação e expressão do pensamento: ela é a própria comunicação e expressão do pensamento. **Língua** é o modo tradicional de os membros de determinada comunidade de fala interagirem verbalmente uns com os outros, vale dizer, língua é interação (verbal).

As interações que constituem o que chamamos língua podem ser de caráter endoecológico (a 'linguística interna' tradicional) ou exoecológico (a 'linguística externa' tradicional). A endoecologia linguística se dedica ao que na tradição tem recebido nomes como "gramática", "estrutura" e outros. A diferença é que a linguística ecossistêmica encara esses fenômenos não como estruturas fechadas, rígidas, como um esqueleto, mas como um organismo, melhor, como uma rede orgânica, em sintonia com a visão de mundo que emergiu a partir de pelo menos a teoria da relatividade. A ecologia se insere no mesmo contexto, como se pode ver nos sistemas complexos estudados, entre outros, por Morin (2002). Esses sistemas orgânicos podem ser

comparados também aos rizomas de Deleuze & Guattari (2000). Por outras palavras, ecolinguisticamente e, mais especialmente, linguístico-ecossistemicamente não há estruturas rigidamente fechadas, mas redes de interações. É interessante notar que na própria tradição da linguística ocidental houve manifestações aqui e ali que vão nessa direção, como a teoria dos 'campos semânticos', cujas raízes recuam a Humboldt (1767–1835) e até a Herder (1744–1803), embora imediatamente se filiem aos 'campos lexicais' de Jost Trier, da terceira década do século passado.

3. Imaginário

Na Apresentação do livro de Elza Kioko N. N. do Couto, *Em busca da casa perdida* (São Paulo: Annablume, 2005), Maria Thereza de Queiroz Guimarães Strôngoli lembra que a imaginação para a antropologia do imaginário de Gilbert Durand "é uma faculdade que se atualiza por meio da observação, percepção, memorização e reprodução das coisas e fatos do mundo natural; o imaginário, por sua vez, é a modalidade própria pela qual cada indivíduo ou cultura opera tal faculdade. A antropologia durandiana concentra-se no exame das imagens mentais e em sua tradução em signos, ícones ou símbolos que compõem os vários códigos que sustentam toda criação cultural". Como veremos mais abaixo, isso lembra os três ecossistemas linguísticos, com respectivos meios ambientes da língua (natural, mental, social < cultural).

A produção ou reprodução de toda imagem supõe a preexistência do mental, do que sustenta sua representação, ou seja, o surgimento da imagem implica o processo de percepção daquilo que é representado, processo que remete sempre para a objetividade de algum dado sensível e de sua manifestação material, como representado na figura da ampulheta da lexicalização, mais abaixo. O número e a variedade das imagens estão, portanto, segundo Wunenburger (1997), intimamente ligados ao corpo do indivíduo e dependem de suas atividades motoras, como gesto e voz, e dos cinco sentidos, dos quais se destacam o olho, como órgão, e a vista, como funções biológicas privilegiadas, por exemplo, na percepção visual e na constituição de imagens visuais, como quadros, estátuas, fotos, entre outras.

A função visual e a função linguageira constituem duas ramificações divergentes da natureza das imagens, cujas manifestações não implicam cesuras significativas entre elas, ao contrário, afirma Wunenburger (1997, p. 26), há sempre solidariedade entre visualização e verbalização, solidariedade que começa nas camadas mais profundas da *psiquê*.

ECO-REBEL

Wunenburger (1997, p. 27-53) categoriza também as imagens como mentais e não mentais. As primeiras, mentais, quando se diversificam segundo o tempo presente, passado e futuro, tornam-se representações específicas e assumem propriedades originais, distinguindo-se como imagem inconsciente ou matricial. Esta última também pode ser imagem verbal ou icônica, mas o conteúdo de sua informação não é facilmente apreendido, porque manifesta-se de forma velada, ou seja, como alusão, enigma, criptograma, ideograma e pode significar tanto um arquétipo, protótipo ou estereótipo, como um paradigma ou engrama.

As segundas, não mentais, são originariamente um fato psíquico, pulsão ou inspiração, transformáveis em material concreto, externo e independente do sujeito. São elas que motivam as obras de arte (quadros, estátuas, música etc.), as fórmulas mágicas ou encantatórias para afastar malefícios ou atrair benefícios, os rituais religiosos ou culturais. A materialidade dessas imagens atualiza-se sempre segundo determinadas e rígidas normas de manifestação; entretanto, algumas podem estar articuladas ao homem sem que ocorra sua intervenção, como a imagem no espelho, o reflexo sobre a água, as formas miméticas na natureza ou o *trompe-l'oeil*.

Se a imagem não é só uma atividade mental, mas também fisiológica e sustentada pela corporeidade do sujeito, a modalidade de (re)produzir imagens ilustra os valores do homem. É segundo essa perspectiva que as imagens deixam de ser vistas como signos para ser consideradas símbolo, a representação e o repositório de todas as flutuações psíquicas e passionais do sujeito, patrimônio tanto abstrato, interior, mental e sensível do sujeito, quanto legado cultural, concreto, exterior e inteligível que ele recebe na condição de sujeito eminentemente social que é.

A operacionalização das imagens é denominada por Durand de trajeto antropológico do imaginário. A razão do emprego do termo trajeto se deve ao fato de este antropólogo enfatizar o processo de o indivíduo, diante da multiplicidade de imagens recebidas e conservadas em sua memória, precisar escolher e combinar algumas delas no processo constante de sua organização, interior ou exterior, visto que, como já se viu, nós “pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos” (DELEUZE; GUATTARI, 1991, p. 259).

Se a imagem é a matriz do pensamento racionalizado, a função do imaginário é eufemizante e se manifesta nos e pelos imperativos biopsicopulsivos do sujeito, os quais, revezando-se com as intimações do meio social, norteiam a escolha e a articulação dessas imagens, ou seja, criam a visão particular que cada indivíduo dá aos processos de actorialização, temporalização e espacialização do mundo. Durand denomina a manifestação do imaginário de trajeto antropológico

não só para mostrar sua atividade dinâmica, mas, sobretudo, para evidenciar que existe uma continuidade nesse dinamismo e estruturação, continuidade que confirma realmente a imagem como matriz do pensamento racionalizado.

4. Ecolinguística e imaginário

Samuel de Sousa Silva mostra de modo bastante apropriado como se poderia começar a discutir as afinidades e complementaridades entre ecolinguística, de um lado, e antropologia do imaginário, de outro. De acordo com ele, "a relação entre a antropologia do imaginário e a ecolinguística se dá pelo fato de as duas linhas construírem seus edifícios teóricos sobre um mesmo alicerce estrutural, que é a condição de existência por excelência da espécie humana, a sua relação corporal com o seu meio. Conforme afirma Umberto Eco, os únicos universais humanos presentes em todas as culturas são relativos ao posicionamento dos nossos corpos frente ao espaço a nossa volta". O autor continua afirmando que, "para a ecolinguística, essa relação de adaptação e conhecimento do mundo a nossa volta [se dá] por meio da afetação dos nossos corpos pelos outros corpos a nossa volta, assim como a afetação do nosso meio imediato pelo nosso corpo que se apresenta como elemento desse espaço, é entendida como o processo do nosso ajustamento ao ecossistema no qual estamos inseridos ou nascemos" (SILVA, 2014, p. 227). Traduzindo as interações do interior do ecossistema para as interações linguísticas, aí temos a interação indivíduo-mundo (MA), ou seja, a denominação, referência ou significação, e a interação indivíduo-indivíduo, isto é, a comunicação.

Silva continua ressaltando que "na antropologia do imaginário o símbolo, ou imagem, que é seu objeto de análise mínimo, é compreendido como uma inscrição na língua humana desse 'vínculo afetivo-representativo que liga um locutor e um alocutário e que os gramáticos chamam 'o plano locutório ou interjetivo'" (DURAND, 2001, p. 31), e que ocorre como evento na interação, no diálogo face a face. Nessa perspectiva, o símbolo seria esse rastro mais primitivo, ou mais representativo do evento em si, dessa relação entre locutores reais, ou entre pessoas e o mundo a sua volta, que na língua aparece apenas como representação" (idem, *ibidem*).

Por fim, Samuel Silva assevera que "a antropologia do imaginário ao estudar os símbolos e imagens primordiais, assim como os mitos, entendidos como conglomerados de símbolos e imagens compostos em narrativas e que constituem o imaginário humano, estuda o como o ser humano significa e dá sentido a essas suas relações concretas com o meio a sua volta, ou, nos

ECO-REBEL

termos da ecolinguística, como o ser humano dá sentido as suas relações ecossistêmicas. Sendo assim, Durand irá demonstrar em seus estudos sobre os símbolos humanos como eles se agrupam e constroem seus campos semânticos a partir dessas primeiras reações do corpo humano ao meio no qual ele está inserido. Durand categoriza toda a constelação de símbolos e imagens produzidas pela espécie humana em três grandes conjuntos de imagens cuja razão magnética que agrupa essas imagens nesses conjuntos são os três principais reflexos do corpo humano frente às demandas do meio a sua volta" (SILVA, 2014, p. 227).

Como se vê, na antropologia do imaginário reconhece os dois tipos básicos de interação que são fundamentais para linguística ecossistêmica. O primeiro é a interação indivíduo-mundo, o processo de referência, designação ou significação, representado na figura da ampulheta da lexicalização discutida mais abaixo. O segundo é a interação indivíduo-indivíduo, que, ecolinguisticamente é a comunicação, ou interação comunicativa.

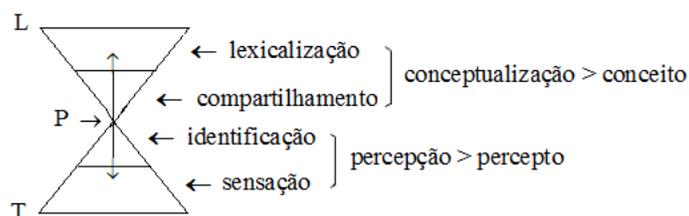
Diante de termos como "imagem", "imaginário" e "imaginação", o leitor pode ser induzido a pensar que só se pode pensar em afinidades entre ecolinguística e imaginário no nível do ecossistema mental da primeira, como Schmaltz Neto equivocadamente diz de Couto (2012). Mas, as coisas não são bem assim. Na verdade, as afinidades vão muito mais longe, mesmo que se comece pelo mental, porque, como sabemos há já muito tempo, o mental tem um pé firmemente fincado no natural e só se mantém se sancionado pelo social. Melhor dizendo, ele tem um pé no natural e outro no social, com o corpo representando o mental e ligando os dois.

Sabemos que, para a ecolinguística, o núcleo da língua é a interação comunicativa. Ora, para que haja atos de interação comunicativa eficazes é prototipicamente necessário que falante e ouvinte se posicionem fisicamente um frente ao outro. Isso é parte das regras interacionais (regra interacional n. 2). No entanto, só haverá interação comunicativa como objeto para a linguística, em geral, e para a ecolinguística, em especial, se o falante tiver algum conteúdo mental a transmitir ao ouvinte, mesmo que se trate de uma interação apenas fática. Em qualquer situação, a interação só será comunicativamente eficaz se algumas condições sociais forem obedecidas. Primeiro, é necessário que falante e ouvinte entrem em **comunhão** de alguma forma. Segundo, é necessário que o falante fale como é costumeiro falar em sua sociedade, mesmo quando cria algo no próprio ato de interação comunicativa. Nesse caso, ele o criará obedecendo aos padrões locais de inovações.

ECO-REBEL

Isso mostra que os três ecossistemas da ecolinguística (natural, mental, social) têm equivalentes perfeitos na antropologia do imaginário. Tanto que, como já salientado acima, a antropologia do imaginário distingue imaginação de imaginário. A **imaginação** parte da observação, percepção, memorização e reprodução das coisas e fatos do mundo natural, equivalente ao processo da percepção que, como veremos se dá em duas etapas (**sensação e identificação**). Com isso se parte do natural (o mundo), captam-se imagens dele pela percepção, imagens que são processadas no cérebro, num processo que começa pelo natural e chega até o início do mental. O imaginário, por seu turno, é a operacionalização das imagens, da imaginação, não só no nível individual (mental) mas também no coletivo (social). Enfim, a tradução de tudo isso em ícones, signos e símbolos compõe o mundo cultural, vale dizer o social.

É interessante lembrar que "os imperativos biopsicopulsionais do sujeito" lembram muito o caráter holístico da linguística ecossistêmica. Para algumas correntes da filosofia da linguagem, a língua seria um fenômeno "natural", ligado ao mundo natural, que existe para a interação com ele. Para outras, ela seria algo exclusivamente mental, como é o caso da gramática gerativa de Noam Chomsky. Para outras, como a sociolinguística e a análise do discurso tradicional, por fim, que são a maioria, a língua seria algo exclusivamente social. Para a ecolinguística, sobretudo sua vertente brasileira chamada linguística ecossistêmica, e seguindo a Escola da Ecolinguística Dialética de Odense (Dinamarca), a língua não é só biológica (natural), nem só psíquica (mental) ou só coletiva (social). Ela é biopsicossocial, mesmo que o termo tenha origem nas ciências da saúde. O processo de formação de imagens e da linguagem que se vê na antropologia do imaginário e na ecolinguística, respectivamente, segue uma trajetória que foi sintetizada por Couto (2007, p. 128), reutilizada por Silva (2015, p. 92) e representada graficamente em Silva (2021, p. 23). Este último parte da perspectiva da psicolinguística, mas sua figura é muito pertinente no presente contexto.



Ampulheta da lexicalização

ECO-REBEL

A língua é dinâmica, é *enérgica*, como disse Humboldt e como foi confirmado por Eugeniu Coseriu, sobre o qual há um artigo neste número de *ECO-REBEL*. Esse dinamismo existe não só no surgimento da língua, mas também em sua própria existência (a língua é interação) e em sua história, que é evolução para se adaptar às necessidades comunicativas de novas gerações. A figura mostra o primeiro aspecto, o fato de que no surgimento da língua tudo começa pela **percepção**, cujo primeiro momento é a **sensação**, que surge do contato sensorial do indivíduo com algum fenômeno do mundo. Se essa sensação se repetir algumas vezes, pode se transformar em **identificação**, momento em que o percebido se conscientiza de que já havia visto o objeto em questão, com o que surge um novo **percepto** na mente do indivíduo. Trata-se de um processo inteiramente individual. Depois que o fenômeno do mundo é identificado pelo indivíduo, este pode compartilhar esse conhecimento (*conhecimento perceptivo*) com outro indivíduo. Esse **compartilhamento** leva a uma necessidade de se comunicarem sobre o fenômeno, com o que ele recebe um nome, momento da **lexicalização**. Está formado o **conceito**.

É interessante notar que percepto e conceito já continha na própria etimologia algo próximo ao sentido que lhes é dado aqui. Etimologicamente *conceito* vem de *cum+captum* do latim, que significa algo como “captado com”. Quanto a percepto, provém de *per+capere*, algo como “pela captação” (pelos sentidos). Todo o processo visto até aqui é ascendente e se dá no falante. O processo inverso, descendente, é o que se dá no ouvinte, quando o ato de interação comunicativa é eficaz. Em Couto (2021, p. 67-69) foi demonstrado como tudo isso se implementa na interação: **interação referencial** entre indivíduo e mundo e **interação comunicativa** entre indivíduos.

O processo representado pela figura da **ampulheta da lexicalização** é válido para o surgimento ontogenético e filogenético não são da linguagem como um todo, mas para cada uma de suas partes. Aliás, ele é válido para todo e qualquer item da cultura, de modo que pode ser usado também pelos semioticistas para explicar o surgimento de signos. No que se refere ao surgimento de novos itens lexicais na aquisição da língua pela criança, no já mencionado artigo de Couto (2021, p. 67-69) pode-se ver como duas crianças adquiriram o nome de uma pequena árvore que ficava próxima a sua casa.

A ecolinguística surgiu no Brasil na Universidade de Brasília, onde é parte integrante da grade curricular da Pós-Graduação em Linguística em que a disciplina se chama “Ecologia Linguística”, outro nome para linguística ecossistêmica. Várias dissertações de mestrado e teses de doutorado já foram defendidas, tanto na UnB quanto na UFG, nesta sob minha orientação. Em 2012 foi

ECO-REBEL

promovido aí o I Encontro Brasileiro de Ecolinguística (I EBE), tendo uma seleção dos trabalhos apresentados sido publicada em *Cadernos de linguagem e sociedade* volume 14, número 1, 2013, disponível na modalidade impressa e online

<http://periodicos.unb.br/index.php/les/issue/view/833>

O IV EBE aconteceu na UFC, Fortaleza, em 2018, sendo uma seleção dos trabalhos publicada na em Revista de letras v. 37, n. 2, disponível em

<http://periodicos.ufc.br/revletras/issue/view/907>

Na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, houve um casamento perfeito entre as duas áreas. O antigo NUPLIN (Núcleo de Pesquisas: Língua, Imaginário e Narratividade), criado na PUC-SP por Maria Thereza Strôngoli em 1995, foi levado para a UFG com a contratação de Elza Kioko N. do Couto e redenominado NELIM (Núcleo de Estudos de Linguagem e Imaginário), em 2008. Pouco depois, o nome por extenso do núcleo passou a ser Núcleo de Estudos de Linguagens, Línguas Minoritárias e Imaginário", mantendo-se a sigla NELIM. Em 2009, eu desenvolvi um programa de Pós-Doutorado em ecolinguística com Hildo Honório do Couto na UnB e, a partir daí, houve nova alteração na descrição do núcleo, que virou Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário, de novo mantendo-se a sigla. Enfim, o NELIM foi se adaptando às novas situações que se apresentavam, sem se descaracterizar, em perfeita sintonia com a visão ecológica de mundo, que o vê continuamente evoluindo, ou seja, adaptando-se às novas circunstâncias e necessidades de seus membros.

No ano de 2013, foi realizado na UFG o I Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística (I EBME), seguido de vários outros encontros, sendo o último realizado em setembro de 2021, na modalidade *online* devido à pandemia do coronavírus, do qual uma seleção está sendo publicada em ECO-REBEL v. III, n. 3, 2021. Esses encontros têm mostrado, na prática, que é possível e desejável estabelecer-se um profícuo diálogo entre ecolinguística e antropologia do imaginário. Isso pode ser visto na seleção dos trabalhos do I EBIME que foi publicada no ano seguinte (COUTO, DUNCK-CINTRA, BORGES, 2014), em que se encontra um prefácio de Maria Zaíra Turchi, uma esclarecedora Introdução. A contribuição de (2014) e Schmaltz Neto (2014) também devem ser mencionadas neste contexto. O segundo chamou a atenção para o fato de que as afinidades entre as duas áreas não se dão apenas pela faceta mental.

Como se vê, diferentemente da UnB, em que só se trata de ecolinguística, na UFG se faz o casamento dela com a antropologia do imaginário de modo bastante harmonioso. Tanto que têm

ECO-REBEL

surgido trabalhos de PROLICEN, PIBIC, PCC e, é claro, dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de livros, artigos e capítulos de livros, na UFG, na UnB e em outras universidades. Um fato a ser ressaltado é que o interesse pelas duas áreas tem atingido outros professores da instituição. A UFG é hoje provavelmente a única universidade brasileira em que a antropologia do imaginário vem sendo aplicada aos fenômenos da linguagem por linguistas, além da associação com os estudos ecolinguísticos. Sem nenhuma sombra de dúvida se pode dizer que o eixo Brasília-Goiânia é um foco de irradiação de ecolinguística para outras regiões do Brasil, tais como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Bahia, Maranhão, Roraima, Rondônia, São Paulo e Minas Gerais, pelo menos até onde pude averiguar. A antropologia do imaginário aplicada a questões de linguagem também tem se propagado a partir da UFG, já tendo atingido o Distrito Federal, alguns *campi* da UEG etc. Em outras áreas, fora da linguística, a questão do imaginário tem sido bastante estudada, como se pode ver os anais do encontro em que saiu uma primeira versão do presente artigo (ver observação no final deste texto).

A ecolinguística e a antropologia do imaginário têm origens diferentes. A primeira nasceu, obviamente, no seio da linguística, mais especificamente, da sociolinguística, uma vez que seu criador, Einar Haugen, era um renomado sociolinguista. Porém, o principal impulsionador da ecolinguística, Alwin Fill (1993), é da área de linguística aplicada, área em que ela decolou e teve alguma acolhida na academia. A antropologia do imaginário emergiu no contexto da antropologia e da filosofia, com os trabalhos de Gilbert Durand, que era discípulo de Gaston Bachelard (1884-1962), Henry Corbin (1903-1978) e Carl Gustav Jung (1875-1961). Este último é psiquiatra, psicoterapeuta e criador da psicologia analítica. Durand foi também professor de Michel Maffesoli. Mas, como vimos acima com Samuel Silva, ecolinguística e antropologia partem aproximadamente de um mesmo ponto, os humanos no mundo natural, e caminham aproximadamente na mesma direção, a criação de um mundo mental e, sobre ele, um mundo social.

5. Observações finais

Há vários motivos para se aproximarem ecolinguística e antropologia do imaginário. O que disse acima é apenas a ponta do *iceberg* do que as duas áreas compartilham. Na linguística ecossistêmica se reconhece explicitamente que a língua é parte da cultura, pois ambas são de caráter semiótico. Pois bem, a língua é parte de um ecossistema (linguístico) que consta da tríade povo (P), território (T) e língua (L). Esse ecossistema pode ser visto da perspectiva da **comunidade de língua** e

ECO-REBEL

comunidade de fala. As duas só existem enquanto existe um P no respectivo T. Se P desaparecer, a comunidade (de língua e de fala) desaparece. O mesmo vale para a cultura. Para que ela exista tem que pré-existir também um povo no respectivo território. Desaparecendo P, desaparece a cultura, com respectiva língua. Vale dizer, a existência de língua, com respectiva cultura, depende da presença de P. Melhor dizendo, depende da memória dos indivíduos que constituem P. Sem memória não há língua nem cultura.

Referências

BANG, Jørgen Chr.; DØØR, Jørgen. Ecolinguística: Um enquadramento conceitual. In: COUTO, Elza Kioko N.N. do. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.

_____. *Ecolinguística: Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes, 2013.

COUTO, Elza Kioko N.N.; ALBUQUERQUE, Davi B. (orgs.). *A análise do discurso ecológica no contexto da ecolinguística: Teoria e aplicações*. Brasília: Thesaurus, 2015.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório do. *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): Uma visão linguístico-ecossistêmica*. Campinas: Pontes, 2021.

COUTO, Hildo H. do; COUTO, Elza Kioko do; ARAÚJO, Gilberto P.; ALBUQUERQUE, Davi B. (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: Ensaio ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora da UFG, 2015.

COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza K. N. N. do; BORGES, Lorena A. de O. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

COUTO, Elza Kioko N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs I*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1991, 2ed.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FILL, Alwin. *Ökolinquistik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.

HAUGEN, Einar. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972, p. 325-339.

MORIN, Edgar. *O método 2: A vida da vida*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2ed., 2002.

ECO-REBEL

SCHMALTZ NETO, Genis Frederico. Por uma ecolinguística do imaginário: Arco do Amanhecer como metáfora de linguagem, inter-relação e meio ambiente. In: COUTO; DUNCK-CINTRA; BORGES (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. 2014, p. 239-245.

SILVA, Leosmar Aparecido da. Relações entre funcionalismo e ecolinguística. In: COUTO, ELZA; ALBUQUERQUE (orgs.). *A análise do discurso ecológica no contexto da ecolinguística: Teoria e aplicações*. Brasília: Thesaurus, 2015.

SILVA, Márcio M. G. O ecossistema mental da língua e a psicolinguística. *ECO-REBEL* v. 7, n. 2, p. 17-30, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/39385/30654>

SILVA, Samuel de Sousa. A relação epistemológica entre a antropologia do imaginário e a ecolinguística. In: COUTO; DUNCK-CINTRA; BORGES (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 227-237.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Philosophie des images*. Paris: PUF, 1997.

[Este artigo é uma versão revista e ampliada da comunicação “Uma possibilidade de diálogo entre a antropologia do imaginário e a ecolinguística”, em coautoria com Hildo Honório do Couto, lida no “II Congresso do CRI2i A Teoria Geral do Imaginário 50 anos depois: conceitos, noções, metáforas”, Porto Alegre, Brasil, de 29 a 31 de outubro de 2015, divulgada em *Anais do II Congresso Internacional do Centre de Recherches Internationales sur l'Imaginaire - A teoria geral do imaginário 50 anos depois: conceitos, noções, metáforas*, organizados por Ana Taís Martins Portanova Barros, p. 99-109, 2015. Reproduzo o texto aqui com algumas alterações a fim de lhe dar mais visibilidade].

Aceito em 05/11/2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 8, N. 1, 2022.